



OLIVEIRA, Tálisson da Silva. *A história do padre Rodolfo e do índio Simão: breve abordagem épica*. In: **Revista Épicas**. Ano 7, N. 13, Jun 2023, p. 153-161. ISSN 2527-080-X.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2023.v13.153161>

A HISTÓRIA DO PADRE RODOLFO E DO ÍNDIO SIMÃO: BREVE ABORDAGEM ÉPICA

A HISTÓRIA DO PADRE RODOLFO E DO ÍNDIO SIMÃO: BREVE ENFOQUE ÉPICO

Tálisson da Silva Oliveira¹
Universidade Federal de Sergipe - DLI

RESUMO: O presente estudo tem como foco o projeto de iniciação científica “A autoria feminina no acervo Raymond Cantel: mapeamento e estudo crítico de folhetos de cordel”, com foco na análise do cordel épico *A história do padre Rodolfo e do índio Simão*, de Adélia Carvalho de Oliveira, destacando aspectos do plano histórico e o heroísmo presente no folheto.

Palavras-chave: Cordel épico; plano histórico; heroísmo; Missão Salesiana.

RESUMÉN: El presente estudio se centra en el proyecto de iniciación científica "La autoría femenina en la colección de Raymond Cantel: mapeo y estudio crítico de los folletos de cordel", con foco en el análisis de del cordel épico *A história do padre Rodolfo e do índio Simão*, de Adélia Carvalho de Oliveira, destacando aspectos del plan histórico y el heroísmo presentes en el folleto.

Palabras clave: Cordel épico; plan histórico; heroísmo; Misión Salesiana.

A história do Padre Rodolfo e do índio Simão (1978) é um cordel épico de autoria de Adélia Carvalho de Oliveira (João Pessoa, Paraíba, 25 de março de 1978), que integra o acervo Raymond Cantel, da Université de Poitiers, França. Estruturalmente, ele é composto por 86

¹ Graduando do Curso de Letras (UFS/Itabaiana). Pesquisador voluntário/Temporário do projeto PIBIC/CIMEEP “A autoria feminina no acervo Raymond Cantel: mapeamento e estudo crítico de folhetos de cordel”. Orientadora: Prof.a Dr.a Christina Ramalho.

sextilhas, com exceção da última que apresenta sete versos, totalizando 517 versos livres ou redondilha maior distribuídos em 28 páginas. As rimas obedecem ao seguinte esquema: ABCBDB. A capa contém uma ilustração simbólica intitulada com “Os mártires que deram a vida em defesa dos índios² e suas terras”, que é o lema das Missões Salesianas em Meruri. Além disso, há uma gravura com a imagem do padre Rodolfo Lunkenbein, assim descrito no folheto: “Esse padre, minha gente,/É o diretor da Missão:/Alemão de nascimento,/Bororo de coração: — É RODOLFO LUNKENBEIN,/Salesiano e irmão!” (OLIVEIRA, 1978, p. 6).

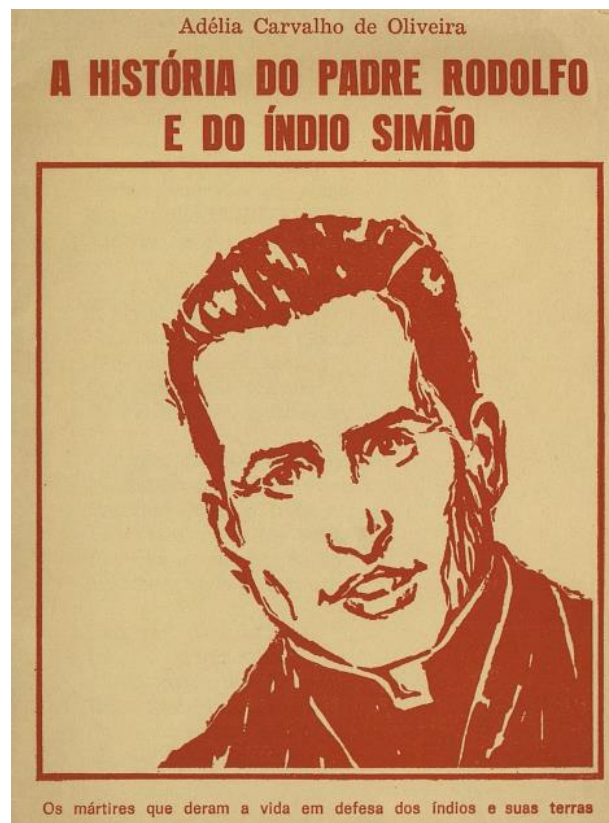


Figura 1: capa do folheto

O folheto não apresenta nenhuma ilustração interna e, sendo um texto de média extensão, destaca, sinteticamente, temas e episódios, aproximando os acontecimentos que a formam a matéria épica. Segundo Silva e Ramalho,

(...) a matéria épica é uma construção coletiva, gerada no seio de uma determinada cultura, mediante a adição de uma aderência mítica a um acontecimento histórico que, por uma singularidade intempestiva, ultrapassa os limites da experiência comunitária. No exato momento em que ocorre, o feito histórico é apenas realidade e o seu relato é história. Mas se esse feito é grandioso e fantástico, a ponto de ultrapassar o limite do real, isto é, capaz

² Usamos o tratamento “índios” em respeito à obra original. Em outras partes, adotamos “indígenas”, forma correta e atual de fazer referência aos povos originários.

de ultrapassar a capacidade de compreensão do homem da época de sua ocorrência, começa a gerar uma aderência mítica que o desrealiza como história e, com o passar do tempo, a ele se funde, constituindo então uma matéria épica. (SILVA, RAMALHO, 2007, p.54-55)

A partir dessa compreensão, *A história do Padre Rodolfo e do índio Simão* (1978) possui como matéria épica o “Caso de Mereri”, que envolve os feitos dos indígenas Bororos e dos heróis explicitamente referenciados, a exemplo do Padre Lunkenbein e dos missionários, que lutaram nas Missões Salesianas ocorrida no século XX frente à insatisfação com os capitalistas, por conta da demarcação de terras indígenas. A própria obra traz, no final, um texto assinado pelo arcebispo da Paraíba José Maria Pires, que também resume a matéria épica:

Pe. Rodolfo Lunkenbein foi um missionário salesiano que deu a vida juntamente com o índio Simão quando colaborava na demarcação de uma reserva indígena. O fato mereceu destaque no importante documento da Comissão Representativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, de outubro de 1976. Nele se inspirou a escritora Adélia de Carvalho para elaborar um interessante folheto em estilo de literatura de cordel. (OLIVEIRA, 1978, p.28)

O plano de fundo histórico, que acompanha todo o percurso da narrativa, junta-se ao plano maravilhoso como maneira de aludir a um dos principais momentos de conflitos pelas demarcações de terras indígenas no Brasil, valorizando os feitos de Lunkenbein e de Simão.

Nesse contexto de perseguição e luta, a cordelista narra um testemunho de memória, assim caracterizado por Nogueira:

esse elemento tão importante [...] ainda que não inicialmente em uma postura que desafiasse, nas temáticas de seus textos, a visão androcêntrica de mundo presente no panorama do cordel, já é importante para a gestação do que viria a se delinear posteriormente. Desse modo, afiguram-se como importantes, para a preservação dessa mesma memória, os trabalhos de pesquisa que reiteradamente vêm apontando para o fim do apagamento e invisibilidade das mulheres no cordel. (NOGUEIRA, 2020, p.119)

Conforme os pressupostos de Nogueira (2020), é válido pontuar que as questões de autoria feminina na literatura de cordel destacam-se a partir da virada do século XX para o século XXI, visto que muitas autoras se disfarçavam na forma de pseudônimos. Além disso, pode-se inferir que a literatura de cordel estava regida por moldes de noções patriarcais. Talvez, por isso, que seja tão difícil encontrar referências bibliográficas da autora.

Já sobre a relação entre o épico e a autoria feminina, Ramalho pontua que:

Híbrido como discurso e gênero, apresentando um sujeito igualmente híbrido como herói/heroína, e sendo, ao mesmo tempo, uma manifestação discursiva imediatamente relacionada à escritura das nações, nada mais natural que os textos épicos voltem a representar produções consistentes, cujo caráter renovado pode marcar um espaço expressivo de resistência para nações que nele são escritas. Se, na produção épica contemporânea, podem ser encontradas várias obras escritas por mulheres, por conclusão, é possível afirmar que as mulheres estão escrevendo suas nações, o que é, sem dúvida, uma grande conquista. (RAMALHO, 2015, p.9)

Sob essa perspectiva, temos, no folheto épico em foco, um registro de autoria feminina, que, considerando a realidade patriarcal que ainda envolve a produção em cordel em nossos dias e os antecedentes sobre a autoria feminina no gênero épico, tem duplo valor histórico, principalmente se considerarmos ser um folheto de 1978.

O folheto de cordel épico (RAMALHO, 2020), em especial, chama a atenção pelo fato de apresentar matérias-épicas difundidas pelo imaginário popular. Neles, se reconhece a presença do heroísmo, que integraliza heróis e/ou heroínas mítico-místicos locais, regionais, nacionais e universais. Nesse sentido,

O herói e o relato, vinculados pelo signo da viagem, manifestam, igualmente, o índice da duplicidade que define a natureza do epos. O herói épico caracteriza-se por uma dupla condição existencial, a humana e a mítica, e o relato, pelo encadeamento de referenciais históricos e simbólicos. A ação épica, representada iconicamente pela viagem, normalmente tem início com ela, desenvolve-se no seu curso e encerra-se com ela. (SILVA, RAMALHO, 2007, p. 59-60)

No folheto de Adélia Oliveira, estrofes como:

Parece que nas entranhas
A terra se estremeceu
E o mundo ficou sabendo
De tudo que aconteceu;
Vejam quanta violência
Que o povo índio sofreu

A coisa já vem de longe
E ninguém foi avisado. . .
Mas hoje graças a Deus
Tudo está bem clareado,
E na luz do meio-dia
Quero dar o meu recado

Só posso ficar gritando,
Pois sinto o baio da morte
Chegando fora da hora...
Ó Deus, não quero esta sorte!
Por que tantos inocentes
São feitos gado de corte?

Meu coração bate forte,
Tudo em volta me apavora;
Estou diante da morte...

Devo fugir, ir-me embora?
— Não fujas (diz-me uma voz)
Contigo estou nesta hora!
(OLIVEIRA, 1978, p. 2-3)

atestam a projeção da matéria a ser narrada no âmbito do evento grandioso, que não pode prescindir de vozes de denúncia, que o façam repercutir socialmente.

No que se refere aos elementos épicos estruturantes, lembramos que a proposição épica é uma da epopeia em que o eu-lírico/narrador explica o teor da matéria épica de forma sintetizada, “uma espécie de ritual de iniciação da leitura” (RAMALHO, 2015, p. 53). Na obra, temos uma proposição de maneira referencial, visto que expõe, com contextualização documental, o conteúdo da matéria épica que será tratada.

Nas quatro estrofes iniciais, a autora nos apresenta sinteticamente o contexto cultural dramático e fúnebre relacionado ao evento que será abordado no folheto:

De dentro da mata virgem
Grande tristeza se espalha
Banhada por brisa fria
Onde a morte se agasalha,
Ecoa o «BAKU RU RU»,
Um choro que faz mortalha.

Um é ver, outro é contar
A triste lamentação
Dos índios do Mato Grosso
Aldeados na missão,
Conhecida por Meruri,
Dos BORORO, habitação.

Por que choram estes índios,
Molhando a terra de pranto?
Por que dançam toda a noite,
Entoando um triste canto?
Por que ao nascer do sol,
Mulheres se ferem tanto?

Estamos, caro leitor,
Diante de um ritual,
«Bakururu», dos Bororo. . .
Luto fechado... É sinal
Que morreu um dos parentes,
E este é seu funeral.
(OLIVEIRA, 1978, p. 1)

E, logo nas estrofes seguintes, apresenta tanto a fonte histórica da matéria épica como buscar fazer do leitor um testemunho de sua veracidade, reforçando o que acima salientamos, em termos de projeção de uma voz de denúncia:

Com isto vamos, leitor,
Retirar com bem cuidado
Um fato que está na carta
Dos Bispos, ao Povo enviado:
— É «O CASO DE MERURI»
Que será bem detalhado.

Se quiser dar a certeza
A quem está na ilusão,
Quem diz inocentemente:
— Aqui não tem disso não!
Na página quatro, leitor,
Da carta está a versão.
(OLIVEIRA, 1978, p. 1)

Sob tal ótica, podemos constatar o envolvimento do eu-lírico/narrador com a matéria épica, assumindo um ponto de vista que ratificará o heroísmo dos personagens em foco. Nesse panorama, o heroísmo se caracteriza como histórico híbrido, uma vez que ocorre um enaltecimento do plano histórico com destaque para os heróis, sejam eles, individuais ou anônimos. No entanto, a figura mais venerada é a do Padre Rodolfo, um dos líderes da Missão, que não aceitou o caráter capitalistas dos exploradores de terra na Região do Mato Grosso. Nesse viés, a referência aos “heróis anônimos” projeta-se sobre os Bororo que apoiaram a Missão salesiana na incessante busca pela reforma agrária e por condições de vida dignas. Verifica-se, portanto, que o Padre, juntamente com os indígenas, assumiu o protagonismo de mostrar a sua insatisfação diante dos superiores de poder.

Segundo Anazildo Vasconcelos da Silva (2007), em sua teoria “Semiotização épica do discurso”, o sujeito da ação épica para ser determinado como um herói necessita organizar as duas vertentes da matéria épica, a histórica e a mítica, transitando por ambas:

Sendo o sujeito épico, por suposto, um ser de existência histórica, carecendo ou não de comprovação documental, a condição humana lhe é um atributo natural. Mas ela só não basta para lhe conferir a condição de herói épico. Como homem, ele é apenas um ser histórico, isto é, um mero mortal sujeito à consumação do tempo. Para alcançar o estatuto épico do herói, precisa pisar o solo do maravilhoso, ou seja, passar do plano histórico para o maravilhoso, provando a transfiguração mítica que, resgatando-o da consumação do tempo histórico, confere-lhe a imortalidade épica. (SILVA; RAMALHO, 2007, p.60)

Se a inserção do padre Rodolfo Lunkenbein e os Bororo no plano histórico tem caráter documental, não distante, o plano maravilhoso, eventualmente associado às questões míticas, é muito típico e sua amplidão mítico-simbólica se insere no padre Rodolfo e no índio Simão, no momento, em que seu heroísmo é projetado para além das características físicas, inserindo-se

na imaginação dos povos Bororo. A fusão dos referentes históricos a esse imaginário, carregado de presságios oriundos da própria natureza, comporão a necessária dualidade entre história e mito que caracteriza o feito épico:

Lá estão todos unidos
Para a terra defender:
Os Bororo e Xavantes,
Padres, freiras.. . vamos ver
Na Missão Salesiana
Sangue de mártir correr.

De terça pra quarta-feira
Deu a noite um céu tristonho
«Rasga-mortalha» passou
Com seu agouro enfadonho. . .
Teve o povo de Meruri
Pesadelo em vez de sonho.

E o sol subiu lentamente
Desmaiando a madrugada. . .
E a data de 15 de julho
Foi na folhinha marcada,
Do ano 76 ...
Meruri foi despertada.

Os Bororo que pressentem
Na vida da natureza
E dão culto e amor à morte
Como a essência da GRANDEZA ,
Notam que o céu está pálido,
E o dia não tem beleza.
(OLIVEIRA, 1978, p. 4-5)

O “índio Simão” também apresenta um discurso dual, em que um presságio é fonte para a condução dos Bororo à Missão:

O índio Simão percebe
Algo estranho qual visão,
Arrancou forte um suspiro
De dentro do coração...
E disse pros companheiros :
Corramos para a Missão!
(OLIVEIRA, 1978, p. 7)

Curiosamente, o poema também apresenta considerações críticas sobre a relação entre indígenas e brancos, destacando o heroísmo de Simão ao tentar salvar o padre Rodolfo, interpondo-se entre ele e as balas:

Convém agora, leitor,
Fazer um esclarecimento
Dentro da história dos índios
Este é um grande momento:
Um índio salvando um branco,
Estranho acontecimento.

É que sempre ouvi dizer
Que os índios estão reclamando:
Esses brancos nos devoram
Só estão nos acabando
Tomando os nossos direitos,
Não estão no nosso bando.

Mas como o Padre Rodolfo
Considerou o índio gente
Ficando do lado deles
Não como um ser diferente,
Por ele o índio Simão
Deu a vida de presente.

Isto serve de exemplo
Não haverá mais engano:
Todo bom missionário
Deve ser um cara humano
Vendo os valores do povo
Respeitando o nosso pano.

Nesse sentido, o padre Rodolfo, o índio Simão e a Missão Salesiana são referendados com um aspecto mítico, cujo ecos se perpetuam até os dias atuais na cultura popular. Tudo isso é ratificado na última estrofe do folheto que referencia uma fala bíblica de Jesus Cristo e uma fala indígena e, exaltando o padre Rodolfo e o índio Simão, mostra a projeção dos heróis no plano maravilhoso, caracterizando esse folheto como um cordel épico:

Viva o Padre Rodolfo!
Viva o índio Simão!
— «Vim servir e dar a vida»
Disse Jesus e eles vão
Repetindo em sua língua:
— «BOE E-RUDUI-WAWO BARU
U-TAWAR JI; I-RE I-WODO TAGAI WOE»
(OLIVEIRA, 1978, p.22)

Finalizamos lembrando a importância do folheto de cordel brasileiro como um instrumento literário que se propagou em diversas regiões do país e do mundo, espelhando em relatos, versos dentro de livretos que são vendidos em ar livre em feiras das mais diversas

regiões. Nesse sentido, a obra *A história do Padre Rodolfo e do Índio Simão*, de Adélia Carvalho de Oliveira, se insere na trajetória dos folhetos de cordel épico, por meio dos quais história e mito se perpetuam no imaginário cultural do país.

Referências bibliográficas

NOGUEIRA, Ariadine Maria Lima. Na corda bamba do cordel: representações e ressignificações do feminino na produção cordelística. 2020. 244f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2020.

OLIVEIRA, Adélia Carvalho de. **A história do Padre Rodolfo e do Índio Simão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

RAMALHO, Christina. O folheto de cordel épico. In: VILA MAIOR, Dionísio; FONTES, Maria Aparecida (Orgs.). **Multiculturalismo épico**. Lisboa: CLEPUL, 2020, p. 113-130.

RAMALHO, Christina. A reinvenção do épico: novas viagens pela história e pelo mito. **Outras Publicações**, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/download/70088610/1551-Texto_do_artigo-3502-1-10-20111111.pdf . Acessado em: 01/04/2023.

SANTANA, Luana. **A invocação no poema épico As marinhas, de Neide Archanjo**. In: Revista Épicas. Ano 3, N. 4, Dez 2018, p. 3. ISSN 2527- 080-X.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Christina. **História da epopeia brasileira. Teoria, crítica e percurso**. V. 1. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.

SILVA, Maria do Rosário da. **Histórias ambulantes: cultura e cotidiano em folhetos de cordel**. Teresina, PI: Dissertação de Mestrado- Universidade Federal do Piauí, 2008.